

o sentido da vida
histórias de psicoterapia
irvin d. yalom

Tradução de José Remelhe



*Para Saul Spiro, psiquiatra, poeta, artista.
Com gratidão pela nossa amizade de quarenta anos;
quarenta anos a partilhar a vida, livros, a iniciativa criativa
e o resolutivo ceticismo sobre o significado de tudo isto.*

C r é d i t o s

As pessoas e situações dos capítulos 1, 2, 3 e 4 («Mamã e o Sentido da Vida», «Viagens com Paula», «Conforto Sulista» e «Sete Lições Avançadas Sobre a Terapia do Luto») baseiam-se em factos, mas os nomes, as características e circunstâncias foram alterados. O capítulo 3, «Conforto Sulista», baseia-se em acontecimentos reais, mas os detalhes das personagens e das suas circunstâncias foram modificados. Os capítulos 5 e 6 («Exposição Dupla» e «A Maldição do Gato Húngaro») são ficcionais e qualquer semelhança percebida entre as personagens e pessoas reais vivas ou mortas é mera coincidência.

O excerto do Musée Des Beaux Arts é retirado de W. H. Auden; Collected Poems de W. H. Auden, editado por Edward Mendelson. Copyright © 1940 e renovado em 1968 por W. H. Auden. Reimpresso com a autorização da Random House, Inc.

Excerto de Pack Up Your Sorrows da autoria de Richard Farina e Pauline Marden Bryan. Copyright © 1964 Músicas da PolyGram International, Inc. Copyright Renovado. Utilizado com autorização. Todos os direitos reservados.

Excertos dos poemas de Robert Frost são «Come In» e «Home Burial» da obra The Poetry of Robert Frost, editado por Edward Conney Lathem, Copyright 1942, © 1958 por Robert Frost. © 1967, 1970 por Leslie Frost Ballentine. Copyright 1930, 1939, © 1969 por Henry Holt and Company, LLC. Reimpresso com autorização da Henry Holt & Co., LLC.

Índice

Agradecimentos	11
1. Mamã e o Sentido da Vida	13
2. Viagens com Paula	25
3. Conforto Sulista	61
4. Sete Lições Avançadas Sobre a Terapia do Luto	89
5. Exposição Dupla	155
6. A Maldição do Gato Húngaro	199
Epílogo da Perennial Edition	243
Nota do Autor	251

A g r a d e c i m e n t o s

Muito obrigado a todos aqueles que leram, deram sugestões ou contribuíram de algum modo determinante para a forma final deste manuscrito: Sara Lippincott; David Spiegel; David Vann; Jo Ann Miller; Murray Bilmes; Ann Arvin; Ben Yalom; Bob Berger; Richard Fumosa; e a minha irmã, Jean Rose. Como sempre, estou ternamente em dívida para com a minha mulher, Marilyn Yalom, de mais maneiras do que consigo nomear. Estou também em dívida para com a minha editora, Phoebe Hoss, que nesta obra, tal como em tantas outras, me incitou impiedosamente a escrever ao nível das minhas melhores capacidades.

Mamã e o Sentido da Vida

Crepúsculo. Talvez esteja a morrer. Vultos sinistros rodeiam a minha cama: monitores cardíacos, botijas de oxigénio, cateteres intravenosos, espirais de tubos de plástico, as entranhas da morte. Fecho os olhos e deslizo para as trevas.

Mas depois, saltando da cama como uma mola, saio do quarto de hospital diretamente para o luminoso e ensolarado Glen Echo Amusement Park, onde, há décadas, passei muitos domingos de verão. Ouço música de carrossel. Inspiro a fragrância húmida e caramelizada de pipocas e maçãs pegajosas. E caminho em frente, sem hesitar ao passar pela banca da Polar Bear Frozen Custard, pela montanha-russa ou pela roda gigante, até ocupar o meu lugar na fila para comprar o ingresso para a casa dos horrores. Depois de pagar, espero enquanto o carrinho seguinte dobra a esquina e para com um retinir à minha frente. Após subir e fechar a proteção de maneira a ficar em segurança, dou uma última olhadela à minha volta e ali, no meio de um pequeno grupo de curiosos, vejo-a.

Aceno com os dois braços e chamo, suficientemente alto para todos ouvirem:

— Mamã! Mamã! — Nesse preciso instante, o carrinho dá um solavanco para a frente e embate nas portas duplas, que se abrem e deixam antever uma goela negra e funda. Encosto-me para trás o máximo que consigo e, antes de ser engolido pela penumbra, chamo outra vez:

— Mamã! Portei-me bem, mamã? Portei-me bem?

...

Mesmo quando levanto a cabeça da almofada e tento afastar o sonho, sinto as palavras presas na garganta:

— Portei-me bem, mamã? Portei-me bem?

Só que a mamã está a sete palmos. Já morreu há dez anos e está num caixão simples de pinho num cemitério em Anacostia, nas cercanias de Washington, D.C. O que resta dela? Apenas ossos, suponho. Não duvido que os micróbios tenham devorado o último fragmento de carne. Talvez restem alguns finos fios de cabelo grisalho, quiçá algumas listras reluzentes de cartilagem presas às extremidades dos ossos maiores, o fémur e a tíbia. E, oh sim, o anel. Escondido algures no meio das cinzas dos ossos, deve estar o fino anel de noivado de prata em filigrana que o meu pai comprou na Hester Street pouco depois de chegarem a Nova Iorque, em terceira classe, vindos de uma *shetel* russa, a um mundo de distância.

Sim, morta há muito. Dez anos. Mortinha da silva. Nada mais do que cabelos, cartilagem, ossos, um anel de noivado de prata em filigrana. E a sua imagem emboscada nas minhas memórias e sonhos.

Porque é que eu aceno à mamã no meu sonho? Eu deixei de acenar há anos. Quantos? Talvez décadas. Talvez tenha sido naquela tarde há mais de meio século, quando tinha 8 anos e ela me levou ao Sylvan, o cinema do bairro que ficava ao virar da esquina, perto da loja do meu pai. Apesar de haver muitos lugares vazios, ela sentara-se mesmo ao lado de um dos desordeiros da vizinhança, um rapaz um ano mais velho do que eu.

— Esse lugar está reservado, minha senhora — resmungara ele.

— Pois, pois! Reservado! — retorquira a minha mãe com desdém enquanto se punha confortável. — *Ele* está a reservar lugares, o senhor importante! — disse para que todos pudessem ouvir.

Eu tentara afundar-me no assento de veludo castanho-avermelhado. Mais tarde, na sala de espetáculos às escuras, enchera-me de coragem e virara a cabeça devagar. Ali estava ele, sentado agora algumas filas mais atrás ao lado do amigo. Não havia dúvida: eles estavam a fulminar-me com o olhar e a apontar para mim. Um deles abanou o punho e formou as palavras com a boca:

— Não perdes pela demora!

A mamã estragou-me o Sylvan Theater. Agora, era território inimigo. Eu não podia ir lá, pelo menos à luz do dia. Se eu queria acompanhar as

séries de sábado (*Buck Rogers, Batman, The Green Hornet, O Fantasma*), tinha de chegar depois de o filme começar, sentar-me às escuras ao fundo da sala, o mais perto possível da porta de fuga, e meter pés ao caminho antes de as luzes voltarem a acender. No meu bairro, nada era mais importante do que evitar a calamidade de *levar uma tarefa*. Levar um murro, não é difícil de imaginar: um pero no queixo e já está. Ou esmurrado, esbofeteado, pontapeado, cortado. É a mesma coisa. Mas *levar uma tarefa, oh, meu Deus*. Onde é que isso acaba? O que resta de nós? Ficamos fora do jogo, para sempre com o rótulo «levou uma tarefa».

E acenar para a mamã? Porque haveria de acenar agora quando, ano após ano, vivi com ela em termos de hostilidade indómita? Ela era presunçosa, controladora, intrusiva, desconfiada, rancorosa, obstinada e extremamente ignorante (ainda que inteligente; até eu percebia isso). Não tenho uma única memória de partilhar com ela um momento de afeição. Nunca me orgulhei dela ou pensei que gostava de a ter como mãe. Ela tinha uma língua viperina e uma palavra rancorosa para toda a gente, menos para o meu pai e a minha irmã.

Eu adorava a minha tia Hannah, irmã do meu pai: a sua doçura, o seu afeto incessante, os seus cachorros-quentes embrulhados em mortadela estaladiça, o seu incomparável *strudel* (nunca soube a receita e o filho dela não acede a dar-ma, mas isso são contas de outro rosário). Eu adorava a Hannah sobretudo aos domingos. Nesses dias, a loja de charcutaria dela perto de Washington, D.C., em Navy Yard, estava fechada, e ela punha jogos gratuitos na máquina de *pinball* e deixava-me jogar durante horas. Nunca se opôs a que eu pusesse pequenos chumaços de papel debaixo das pernas da frente da máquina para abrandar a descida da bola de maneira a conseguir pontuações mais altas. A minha adoração pela Hannah deixava a mamã num delírio de ataques de rancor à cunhada. A mamã tinha a sua litania para a Hannah: a pobreza da Hannah, a sua aversão por trabalhar na loja, o seu fraco sentido comercial, o seu marido grosseiro, a sua falta de orgulho e pronta aceitação de todas as peças de roupa usadas.

O discurso da mamã era abominável, o seu inglês com um forte sotaque e adornado de termos iídiche. Ela nunca foi às reuniões de pais da minha escola. Graças a Deus! Encolhia-me só de pensar em apresentá-la aos meus amigos. Eu discuti com a mamã, desafiei-a, gritei com ela, evitei-a, até que, por fim, em plena adolescência, deixei de falar com ela.

A grande dúvida da minha infância foi: «Como é que o papá a consegue aturar?» Recordo-me de momentos maravilhosos aos domingos de

manhã em que eu e ele jogávamos xadrez enquanto ele cantava alegremente a acompanhar discos de música russa ou judaica, a cabeça a abanar ao ritmo da melodia. Mais cedo ou mais tarde, o ar da manhã era estilhaçado pela voz da mamã a guinchar desde o andar de cima:

— *Gevalt, Gevalt*, basta! *Vay iz air*, chega de música, chega de barulho! — Sem proferir palavra, o pai levantava-se, desligava o fonógrafo e retomava a nossa partida de xadrez em silêncio. Quantas vezes eu rezei: «Por favor, pai, por favor, só desta vez, acerta-lhe um murro!»

Então, porquê acenar? E porquê perguntar, nos meus últimos dias de vida: «Portei-me bem, mamã?» Será que (e essa possibilidade desconcerta-me) eu orientei a vida inteira com esta lamentável mulher como minha principal plateia? Toda a vida procurei fugir, afastar-me do meu passado; a *shtetl*, a viagem em terceira classe, o gueto, o *talit*, os cânticos, a gabardina preta, a mercearia. Toda a vida procurei a libertação e o crescimento. Será possível que não tenha fugido nem do meu passado nem da minha mãe?

Aqueles amigos que tiveram mães adoráveis, amáveis e compreensivas... como os invejo. E como é estranho que não tenham uma ligação com as mães, sem lhes telefonarem, as visitarem, sonharem com elas ou sequer pensarem nelas com frequência. Enquanto eu tenho de purgar a minha mãe da mente muitas vezes por dia e mesmo hoje, dez anos volvidos da sua morte, amiúde, por reflexo, levo a mão ao telefone para lhe ligar.

Oh, consigo compreender tudo isto em termos intelectuais. Dei palestras sobre o fenómeno. Explico aos meus doentes que as crianças vítimas de abusos têm muitas vezes dificuldade em libertar-se das suas famílias disfuncionais, enquanto as crianças se afastam de pais bons e carinhosos de forma muito menos conflituosa. Afinal de contas, não é essa a função de um bom pai? Dar à criança as ferramentas que lhe permitirão sair de casa?

Compreendo, mas não me agrada. Não gosto de ser visitado pela mãe todos os dias. Odeio que se tenha insinuado de tal modo nos interstícios da minha mente que nunca a conseguirei expulsar. E, acima de tudo, detesto que, no fim da minha vida, me sinta compelido a perguntar: «Portei-me bem, mamã?»

Penso no cadeirão dela no lar de idosos em Washington, D.C. Obstruía em parte a entrada para o apartamento dela e era ladeado por mesas a fazer de sentinela apinhadas de pelo menos um exemplar, às vezes mais, de cada um dos livros que eu escrevera. Com mais de uma dúzia de livros e mais

duas dúzias de traduções para outras línguas, as pilhas ameaçavam desabar. Bastaria, imaginava eu muitas vezes, um sofrível tremor de terra para a soterrar debaixo dos livros do seu único filho.

Sempre que a visitava, encontrava-a sentada naquele cadeirão com dois ou três dos meus livros no regaço. Ela sopesava-os, cheirava-os, acariciava-os; fazia tudo menos lê-los. A visão não lho permitia. Porém, mesmo antes de a visão lhe faltar, ela não os teria compreendido: a sua única educação foram as aulas de naturalização para se tornar cidadã dos EUA.

Eu sou um escritor e a mamã não pode ler. Não obstante, recorro a ela para compreender o significado da obra da minha vida. Para a avaliar como? Pelo cheiro, pelo simples peso dos meus livros? Pelo *design* das capas, pela sensação macia a *teflon* das sobrecapas? Toda a minha meticulosa investigação, os meus momentos de inspiração, a fastidiosa pesquisa para encontrar o pensamento correto, a inapreensível frase gloriosa: isto, ela nunca conheceu.

O sentido da vida? O sentido da *minha* vida. Os próprios livros empilhados e a balançar na mesa da mamã contêm pretensiosas respostas a tais perguntas. «Nós somos seres que anseiam por significado», escrevi, «que têm de lidar com o incômodo de serem arremessados para um universo que intrinsecamente não tem significado.» E depois para evitarmos o niilismo, expliquei, temos de embarcar numa tarefa dupla. Primeiro, inventamos ou descobrimos um projeto com sentido para a vida suficientemente robusto para suportar uma vida. Depois, temos de arranjar forma de esquecer o nosso ato de invenção e convencermo-nos a nós mesmos de que não inventámos, mas descobrimos o projeto com sentido para a vida, que tem uma existência extrínseca independente.

Apesar de eu fingir aceitar a solução de cada pessoa sem fazer juízos, secretamente, estratifico-os em bronze, prata e ouro. Algumas pessoas são acicatadas ao longo da vida por uma visão de triunfo vingativo; algumas, envoltas em desespero, sonham apenas com a paz, indiferença e ausência de dor; algumas dedicam as vidas ao sucesso, à opulência, ao poder, à verdade; outras procuram a transcendência do próprio e mergulham numa causa ou noutra ser, um ente querido ou uma essência divina; outras ainda encontram o seu sentido numa vida útil, na realização pessoal ou na expressão criativa.

Nós precisamos de arte, disse Nietzsche, a fim de que não pereçamos da verdade. Por isso, considero que a criatividade é o caminho de ouro e transformei toda a minha vida, todas as minhas experiências, todas as

minhas fantasias, numa espécie de pilha de compostagem em lenta combustão a partir da qual tento produzir, de quando em vez, algo novo e belo.

Mas o meu sonho afirma o contrário. Sustenta que dediquei a minha vida a um outro propósito: conquistar a aprovação da minha falecida mãe.

Este sonho corroborante tem poder: demasiado poder para ignorar, demasiado perturbador para esquecer. Mas eu aprendi que os sonhos não são insondáveis nem imutáveis. Durante a maior parte da minha vida, eu gostei de remexer nos sonhos. Aprendi a domesticar os sonhos, a desmontá-los, a montá-los. Sei como espremer os segredos dos sonhos.

Assim, pouso a cabeça na almofada e deixo-me adormecer, rebobinando a película do sonho até ao carrinho na casa dos horrores.

O carrinho detém-se com um solavanco, projetando-me contra a proteção. Um instante mais tarde, começa a fazer marcha-atrás e a recuar lentamente, voltando a sair pelas portas oscilantes para o sol do parque Glen Echo.

— Mãe, mãe! — chamo, a acenar com os dois braços. — Portei-me bem? — Ela ouve-me. Vejo-a a abrir caminho pelo meio da turba, empurrando pessoas para a esquerda e para a direita.

— Oyvin, que pergunta — diz ela, abrindo a proteção e puxando-me para fora do carrinho.

Eu olho para ela. Ela parece ter 50 ou 60 anos, é forte e entroncada, e carrega sem esforço um saco de compras cheio, bordado, com as pegas de madeira. Ela é vulgar, mas não o sabe e caminha com o queixo empinado como se fosse bonita. Reparo nas familiares pregas ao dependuro no braço e nas meias engelhadas e amarradas logo acima dos joelhos. Dá-me um enorme beijo húmido. Eu simulo ternura.

— Portaste-te bem. Quem poderia pedir mais? Todos aqueles livros. Deixaste-me orgulhosa. Se ao menos o teu pai estivesse aqui para ver.

— Como podes dizer que me portei bem, mãe? Como sabes? Tu não podes ler o que eu escrevi... por causa da falta de visão.

— Eu sei aquilo que sei. Olha para estes livros. — Ela abre o saco de compras, tira de lá dois dos meus livros e começa a acariciá-los com ternura. — Grandes livros. Belíssimos livros.

Eu sinto-me desalentado por ela mexer nos meus livros.

— Aquilo que diz *nos* livros é que é importante. Até podem dizer só disparates.

— Oyvin, não digas *narishkeit*... asneiras. Livros lindos!

— Andas por aí sempre com esse saco cheio de livros, mamã, até no Glen Echo? Estás a transformá-los num relicário. Não achas que...

— Toda a gente te conhece. O mundo inteiro. A minha cabeleireira diz que a filha dela estuda os teus livros na escola.

— A tua cabeleireira? É esse, o teste final?

— Toda a gente. Eu digo a toda a gente. Porque não o faria?

— Mamã, não tens nada melhor para fazer? Que tal passar o domingo com as tuas amigas: a Hannah, a Gertie, a Luba, a Dorothy, a Sam, o teu irmão Simon? Afinal de contas, o que estás a fazer aqui no Glen Echo?

— Envergonha-te que eu esteja aqui? Sempre tiveste vergonha. Onde mais haveria de estar?

— Só quero dizer que somos os dois adultos. Eu tenho mais de 60 anos. Se calhar, já é tempo de termos os nossos próprios sonhos privados.

— Sempre com vergonha de mim.

— Eu não disse isso. Tu não ouves o que eu digo.

— Sempre pensaste que eu era estúpida. Sempre pensaste que eu não percebia nada.

— Eu não disse isso. Eu sempre disse que tu não sabias tudo. É apenas a maneira como tu... a maneira como tu...

— A maneira como eu, o quê? Vá lá. Começaste... Diz lá... Eu sei o que vais dizer.

— O que é que eu vou dizer?

— Não, Oyvin, *tu* tens de dizer. Se eu te disser, tu mudarás a versão.

— É a maneira como tu não ouves o que eu digo. A maneira como falas de coisas sobre as quais nada sabes.

— Ouvir o que tu dizes? Eu não ouço o que *tu* dizes? Diz-me, Oyvin, tu ouves o que eu digo? Conheces-me?

— Tens razão, mamã. Nenhum de nós foi bom a ouvir o outro.

— Da minha parte não, Oyvin, eu ouvi bem. Ouvi o silêncio todas as noites quando chegava a casa da loja e tu não te incomodavas em sair do teu quarto de estudo. Nem sequer dizias «olá». Não me perguntavas se eu tivera um dia difícil. Como é que eu podia ouvir se tu não falavas comigo?

— Alguma coisa me impediu; havia um enorme muro entre nós.

— Um muro? É uma coisa bonita de se dizer à mãe. Um muro. Fui eu que o construí?

— Eu não disse isso. Só disse que havia um muro. Eu sei que me afastei

de ti. Porquê? Como me posso lembrar? Isso foi há cinquenta anos, mamã, mas eu achei que tudo o que me disseste foi uma espécie de reprimenda.

— Vos? Reperenda?

— Quero dizer «crítica». Eu tinha de me manter afastado do teu criticismo. Naqueles tempos, eu já me sentia suficientemente mal comigo mesmo e não precisava do teu criticismo.

— Sentias-te mal contigo mesmo porquê? Todos aqueles anos... Eu e o papá a trabalhar na loja para pagar os teus estudos. Até à meia-noite. E quantas vezes me telefonaste para te levar alguma coisa para casa? Lápis ou papel. Lembras-te do Al? Ele trabalhava na secção de venda de bebidas alcoólicas. Aquele que sofreu um corte na cara durante um assalto?

— É claro que me lembro do Al, mamã. A cicatriz a todo o comprimento do nariz.

— Pois bem, o Al costumava atender o telefone e, no meio de toda a gente, berrava: «É o rei! O rei está ao telefone! Deixai o rei ir comprar os seus próprios lápis. Fazia-lhe bem algum exercício.» O Al tinha ciúmes; os pais dele não lhe davam coisa alguma. Eu nunca prestei atenção às palavras dele, mas o Al tinha razão; eu tratava-te como a um rei. Sempre que tu telefonavas, fosse de dia ou de noite, eu deixava o papá com a loja cheia de clientes e ia a correr ao fundo do quarteirão ao Mensch's Five & Dime. Tu também precisavas de selos. E de blocos de notas e de tinta. E depois de esferográficas. A roupa toda manchada de tinta. Como um rei. Sem críticas.

— Mamã, agora estamos a conversar. E isso é bom. Não partamos para acusações. Vamo-nos entender. Digamos apenas que eu me *sentí* criticado. Eu sei que tu falavas bem de mim às outras pessoas. Gabavas-te de mim. Mas nunca mo disseste. Na cara.

— Dantes não era fácil falar contigo, Oyvin. E não apenas para mim. Para toda a gente. Tu sabias tudo. Lias tudo. Se calhar as pessoas tinham um pouco de receio de ti. Se calhar eu também. *Ver veys?* Quem sabe? Mas deixa-me que te diga uma coisa, Oyvin, era mais difícil para mim do que para ti. Primeiro, tu também nunca me disseste nada simpático. Eu cuidei da casa; cozinhei para ti. Comeste a minha comida durante vinte anos. Tu gostavas, eu sei. Como é que sei? Porque os pratos e os tachos ficavam sempre vazios. Mas tu nunca mo disseste. Nem uma vez em toda a vida. Hã? Uma vez na tua vida?

Envergonhado, só consigo baixar a cabeça.

— Segundo, eu sabia que tu não dizias nada simpático nas minhas costas. Pelo menos *tu* tiveste isso, Oyvin, tu sabias que eu me gabava de ti

aos outros nas tuas costas. Mas eu sabia que tu tinhas vergonha de mim. Vergonha em toda a linha. À minha frente e nas minhas costas. Vergonha do meu inglês. Do meu sotaque. De tudo o que eu não sabia. E das coisas que eu dizia de forma errada. Eu ouvi como tu e os teus amigos faziam troça de mim. A Julie, a Shelly, o Jerry. Eu ouvi tudo. Hã?

Baixei mais a cabeça.

— Nunca te escapou nada, mamã.

— Como é que eu poderia saber alguma coisa do que diz nos teus livros? Se eu tivesse tido uma oportunidade, se pudesse ter ido à escola, o que eu poderia ter feito com a minha cabeça, a minha *saychel!* Na Rússia, na *shtetl*, eu não podia ir à escola. Só os rapazes é que podiam.

— Eu sei, mamã, eu sei. Eu sei que tu te terias saído tão bem como eu na escola se tivesses a oportunidade.

— Desci do barco com a minha mãe e o meu pai. Tinha apenas 20 anos. Seis dias por semana, tive de trabalhar numa fábrica de costura. Doze horas por dia. Das sete da manhã às sete da noite, às vezes às oito. E duas horas mais cedo, às cinco da manhã, tinha de levar o meu pai à sua banca de jornais ao lado do metropolitano e ajudá-lo a desembalar os jornais. Os meus irmãos nunca ajudaram. O Simon foi estudar contabilidade. O Hymie era motorista de táxis e nunca ia a casa, nunca mandava dinheiro. E depois eu casei com o papá e mudei-me para Washington, e, até ficar velha, trabalhei ao lado dele na loja doze horas por dia, além de fazer a lida da casa e de cozinhar. E depois tive a Jean, que nunca me deu problemas. E depois tive-te a ti. E tu não foste fácil. E nunca deixei de trabalhar. Tu viste-me! Tu sabes! Ouviste-me a subir e a descer as escadas numa correria. É mentira?

— Eu sei, mamã.

— E todos esses anos, enquanto foram vivos, eu apoiei a Bubba e o Zeyda. Eles não tinham nada a não ser uns trocados que o meu pai fez com a banca de jornais. Mais tarde, abrimos uma loja de doces para ele, mas ele não podia trabalhar porque os homens tinham de rezar. Lembras-te do Zeyda?

Eu assinto com a cabeça.

— Uma vaga memória, mamã. Eu deveria ter 4 ou 5 anos... um prédio de habitações com um cheiro acre no Bronx... Atirar pedaços de pão e bolas de papel de alumínio desde o quarto andar para as galinhas no quintal... O meu avô, todo vestido de preto, um quipá preto, a barba grisalha e desgrenhada com manchas de molho, os braços e a testa embrulhados em cordões pretos, a murmurar orações. Nós não conversávamos porque ele só

falava iídiche, mas beliscava-me a bochecha com força. Todos os outros (a Bubba, a mamã, a tia Lena) a trabalhar, a subir e a descer as escadas numa correria para passarem o dia inteiro na loja, a desempacotar e a empacotar, a cozinhar, a limpar penas de galinha, escamas de peixe, a limpar o pó. Mas o Zeyda não mexia uma palha. Passava a vida sentado a ler. Como um rei.

— Todos os meses — continua a mamã —, eu apanhava o comboio para Nova Iorque e levava-lhes comida e dinheiro. Mais tarde, quando a Bubba estava no lar de terceira idade, eu paguei a conta e visitei-a de quinze em quinze dias. Tu lembras-te, às vezes levava-te de comboio. Quem mais da família ajudava? Ninguém! O teu tio Simon aparecia a espaços de meses e levava-lhe uma garrafa de 7 Up e da vez seguinte que eu lá ia ela só falava da maravilhosa 7 Up do teu tio Simon. Mesmo depois de perder a visão, ficava ali deitada abraçada à garrafa de 7 Up vazia. E eu não ajudei apenas a Bubba, mas também toda a gente da família. Os meus irmãos, o Simon e o Hymie, a minha irmã Lena, a tia Hannah, o teu tio Abe, o papalvo, que eu trouxe da Rússia. Toda a gente, a família inteira, beneficiou daquela pequena mercearia *schmutzig* e suja. Ninguém me ajudou, nunca! E nunca ninguém me agradeceu.

Respiro fundo e digo:

— Obrigado, mamã. Obrigado.

Não foi assim tão difícil. Porque precisei de cinquenta anos? Pego-lhe pelo braço, quiçá pela primeira vez. A parte carnuda logo acima do cotovelo. É mole e quente, a fazer lembrar a sua massa de *kichel* morna antes de cozer o pão.

— Recordo-me de tu me contares e à Jean sobre a 7 Up do tio Simon. Deve ter sido duro.

— Duro? A quem o dizes. Às vezes, ela bebia a 7 Up dele com um pedaço do meu *kichel* (tu sabes o trabalho que dá fazer *kichel*) e ela só falava da 7 Up.

— É bom falar, mamã. É a primeira vez. Talvez eu sempre o tenha desejado e é por isso que continuas na minha mente e nos meus sonhos. Talvez agora seja diferente.

— Diferente como?

— Bem, conseguirei ser mais eu mesmo; viver para os propósitos e as causas que escolher estimar.

— Queres ver-te livre de mim?

— Não. Bem, não dessa forma, não num sentido negativo. Desejo o mesmo para ti também. Desejo que possas ter descanso.

— Descanso? Alguma vez me viste a descansar? O papá fazia a sesta todos os dias. Alguma vez me viste a fazer a sesta?

— O que eu quero dizer é que tu deves ter o teu *próprio* propósito na vida, não *isto* — digo eu, espetando o dedo no seu saco de compras. — Não os meus livros! E eu devo ter o meu próprio propósito.

— Mas eu acabei de explicar — redargue, passando o saco de compras para a outra mão, afastando-o de mim. — Estes não são apenas os *teus* livros. São também os *meus* livros!

De súbito, o braço dela, que eu ainda estou a agarrar, fica frio e eu solto-o.

— O que queres dizer com isso? — prossegue ela. — Devo ter o meu propósito? Estes livros *são* o meu propósito. Eu trabalhei para ti e para eles. Toda a vida trabalhei para estes livros; os *meus* livros. — Mete a mão dentro do saco de compras e tira de lá mais dois. Eu encolho-me, com medo de que ela os vá levantar e mostrar à pequena multidão de curiosos que se juntaram agora à nossa volta.

— Mas tu não compreendes, mamã. Nós *temos* de nos separar. Não podemos ficar presos um ao outro. Ser uma pessoa é isso mesmo. É precisamente sobre isso que eu escrevo nesses livros. É assim que eu quero que os meus filhos sejam, que sejam os filhos de toda a gente. Sem entraves.

— *Vos meinen*. Sem traves?

— Não, não, *sem entraves*. Quer dizer, livres, emancipados. Não estás a compreender, mamã. Deixa-me explicar desta maneira: todas as pessoas do mundo estão fundamentalmente sós. É difícil, mas as coisas são assim, e temos de as aceitar. Por isso, eu quero ter os meus próprios pensamentos e os meus próprios sonhos. Tu também deves ter os teus. Mamã, eu não te quero nos meus sonhos.

Ela faz uma expressão austera e recua um passo. Eu apresso-me a acrescentar:

— *Não* porque não gosto de ti, mas porque quero o que é bom para todos nós. Para mim e para ti também. Tu deves ter os teus próprios sonhos na vida. Com certeza compreendes isso.

— Oyvin, continuas a achar que eu não compreendo nada e que tu compreendes tudo. Mas eu também penso na vida. E na morte. Eu compreendo a morte, mais do que tu. Acredita em mim. E sei o que é estar só, mais do que tu.

— Mas, mamã, tu não *enfrentas* o estar só. Continuas comigo. Vagueias pelos meus pensamentos e pelos meus sonhos.

— Não, Sonny.

— Sonny. — Não ouvia esse nome há cinquenta anos. Esquecera que era assim que ela e o meu pai me chamavam muitas vezes.

— As coisas não são como tu pensas, Sonny — continua. — Há coisas que tu não compreendes, coisas que vês pelo prisma errado. Sabes aquele sonho em que eu estou de pé no meio da multidão a ver-te no carrinho e tu a acenares para mim, a chamar-me, a perguntar-me como te portaste na vida?

— Sim, é claro que me lembro do meu sonho, mamã. Foi onde tudo isto começou.

— O *teu* sonho? É isso que eu te quero dizer. O erro é esse, Oyvin. Tu pensas que eu entrei no *teu* sonho. Esse sonho *não* era o teu sonho, Sonny. Era o *meu* sonho. As mães também têm sonhos.